

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assinatura	Anno 36 n.**	Semest. 18 n.**	Trim. 9 n.**	N.º à entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 571	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. torte)	36800	18900	8950	8120	I DE NOVEMBRO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	24000	—	—		
Extrang. (união gera' dos correios)	58000	28500	—	—		



NO OUTONO — Gravura de Brenl'ancur



## CHRONICA OCCIDENTAL

A doença do Tzar da Russia tem sido o acontecimento dominante d'estes ultimos dias em toda a Europa, o assumpto que prende todas as atenções, que é fallado em todos os circulos politicos do mundo, que é tratado quotidianamente em todos os jornaes do velho continente europeu.

E comprehende-se bem que assim seja pela alta importancia politica do augusto enfermo, que representa na historia contemporanea o grande e santo papel de pacificador do mundo, que tem sido e é ainda hoje o fiador da paz europea.

Todas as nações tanto aquellas a quem a Russia é mais sympathica, como aquellas que contra ella nutrem qualquer ressentimento, tem os olhos fitos em Livadia, onde o Tzar ha mais de uma semana lucha heroicamente com a morte, rodeado de todos os seus, cercado pelas summidades medicas da Russia, que seguem minuto a minuto com interesse e com assombro as peripecias d'essa lucha gigantesca entre o temperamento herculeo do doente e a intensidade implacavel d'uma enfermidade que nunca perdôa.

O imperador da Russia padecê como, se sabe, d'essa terrivel doença de rins, a nephrite, conhecida pelo nome de mal de Bright, o illustre medico inglez, que a estudou a fundo, que desvendou todos os seus mysterios, e que por fim, singularidade curiosa, por ella foi morto.

Ha já muitos mezes que o Tzar foi acommettido por essa medonha enfermidade, mas só agora, ha pouco tempo, é que ella se manifestou com todos os seus symptomas alarmantes, em toda a plenitude da sua gravidade terrivel, gravidade ante a qual a sciencia se considera impotente.

E entretanto, apesar d'isso, apesar de ha mais de quinze dias a morte andar pairando sobre a cabeceira do leito do Tzar, a organização robustissima do doente, aquella poderosa e herculea organização tradicional dos Romanoff, tem apresentado uma resistencia desuzada aos estragos da albuminuria e as ultimas noticias dão o Tzar senão como salvo da doença, pelo menos livre do perigo immediato, que ella offerecia e que durante muitos dias e muitas noites se julgou imminente.

Que assim seja e que Deus prolongue ainda por muito tempo os dias do Tzar, cuja vida é para toda a Europa tão preciosa.

O Tzar tem sido um verdadeiro modelo de soberano.

Estroina, estouvado quando rapaz, quando sob os seus hombros não pesavam as responsabilidades gravissimas de governar o maior imperio da Europa, apenas a desgraçada morte de seu pae o investiu no poder supremo, o Tzar mudou completamente de vida e dedicou-se d'alma e de coração á difficil sciencia de governar o seu paiz e mais do que isso ainda, de governar toda a Europa, porque dada a excepcional importancia do seu vastissimo imperio, dirigir a politica da Russia é dirigir a politica do mundo inteiro.

E' extraordinario, é assombroso, chega a ser quasi que phantastico o trabalho que desde o dia em que se sentou no throno da Russia o Tzar impoz a si proprio e tem executado sem fraquejar um dia.

Não se faz bem idéa do que era esse trabalho. O Tzar via tudo, estudava todos os assumptos, lia todas as cartas, nunca decedia negocio algum, por mais insignificante que fosse, sem ter d'elle conhecimento profundo, não curando nunca pelas informações dos seus ministros e dos seus secretarios.

Os ministros entregavam-lhe os seus relatorios sobre todos os negocios correntes: elle, lia um por um esses relatorios, escrevendo-lhes á margem, pela sua propria letra, as suas observações: todas as questões que diziam respeito ao exercito, á marinha, ás obras publicas, á fazenda, á beneficencia, á instrucção publica, eram por elle minuciosamente estudadas e resolvidas sempre com um grande criterio e profundo conhecimento de causa. Elle é que era o verdadeiro ministro de todas as pastas, muito principalmente o ministro dos negocios estrangeiros, escolhendo de seu motuo proprio os seus agentes diplomaticos, estudando e resolvendo em todas as suas minudencias as negociações diplomaticas com a Europa e com a Asia, im-

pondo a sua vontade soberana a todos os actos da deplamacia russa.

Além d'este colossal trabalho o Tzar lia todas as cartas particulares que lhe eram dirigidas, quer da Russia, quer do estrangeiro, notava as respostas, que a essas cartas se devia dar e as mais pequenas reclamações, as mais ligeiras supplicas dos mais humildes dos seus vassallos, eram por elle lidas e annotadas pela sua propria mão.

Dotado d'estas grandes faculdades de trabalho intellectual o Tzar é ao mesmo tempo dotado d'uma desuzada força physica e d'uma robustez extraordinaria.

O Tzar gosta immenso da caça e de todos os trabalhos que exigem uma grande força muscular mas entre todos esses trabalhos, os manuaes eram que mereciam a sua predilecção, e eram para elle mais do que uma paixão, uma verdadeira necessidade physica para a sua poderosa musculatura.

Um dos seus divertimentos favoritos era abater arvores grandes, como fazia Glasdstone, e depois começar a desbastar n'ellas como um rachador de lenha.

No inverno os jardineiros tinham ordem para não levantar o gelo que cahia nas avenidas reservado ao Tzar, e quando o gelo attingia já certa altura elle ia, armado de pás, tirar o gelo, para carretas, nas quaes elle proprio, ás vezes ajudado por seus filhos, quando as carretas pesavam muito, transportava o gelo para um campo destinado a esse fim.

A força muscular do Tzar é enorme. Uma das suas brincadeiras favoritas era dobrar com a mão uma ferradura de cavallo, dando-lhe a forma d'um cartuxo, depois meter lhe dentro uma flôr e offerrecer galantemente flôr e cartuxo a qualquer dama da côrte.

Além de ser muito forte, muito robusto, o imperador é tambem muito corajoso, tem um grande animo, e uma enorme força de vontade.

Ha já algum tempo que elle sabe a doença terrivel que tem e não ignora que essa doença não tem remedio.

Quando sentiu os primeiros symptomas mais serios da sua enfermidade, intimou os medicos que o examinaram a dizerem-lhe a verdade, a verdade toda sem rodeios. Os medicos obedeceam-lhe e disseram lhe tudo que tinham a dizer.

O Tzar ouviu-os com uma grande serenidade, sem desanimo nem esmorecimento e com uma enorme confiança em Deus, confiança que o tem acompanhado em toda a sua vida, e ha dias, quando o seu estado começou a ser gravissimo Alexandre III disse:

«Custa muito morrer na minha idade, apesar de que eu não tenho amor á vida, mas se Deus entender que a minha vida é necessaria para a minha querida Russia fará o milagre de m'a conservar, como já por varias vezes o tem feito!»

E realmente as melhoras accentuando-se parecem mostrar que Deus quer fazer o milagre.

Que o faça é o voto de todos que admiram Alexandre III como um d'esses soberanos excepcionaes que raras vezes apparecem na scena do mundo!

Fallámos na nossa ultima chronica dos *debutes* de Sarah Bernhard, no theatro, e por um acaso chegou-nos depois d'isso as mãos a historia dos *debutes* d'outra grande actriz franceza, que a morte arrebatou á scena em plena gloria e que tiveram o mesmo cunho de insignificancia que tiveram, como narramos, os da famosa Sarah.

Essa actriz é Aimée Desclée, que morreu em 1873 depois de ter alcançado um ruidoso e glorioso triumpho na *Femme de Claude*, de Dumas filho, o mesmo pepel que foi agora feito pela Sarah Bernhardt.

A Desclée, que foi uma das actrices mais perfectas da segunda metade d'este seculo, estreiou-se no Gymnasio de Paris e esteve ali representando muito tempo sem ninguem dar por ella, sem pessoa alguma lhe ligar a mais pequena consideração, e tanto que um bello dia deixou o theatro do Gymnasio, deixou a França e pessoa alguma reparou n'isso, pessoa alguma deu sequer pela sua falta.

D'alli a seis annos, Alexandre Dumas filho estando em Bruxellas foi ao theatro do Parce vêr a sua *Dama das Camélias*.

Foi e ficou surprehendido, maravilhado com a actriz que fazia o papel de Margarida Gautier.

Essa actriz era a Desclée.

Ficou tão assombrado com o talento enorme d'essa sua nova Margarida que Dumas, o homem friu que nunca se entusiasma, esereveu immediatamente ao director do Gymnasio de Paris, uma carta cheia de entusiasmo e d'admiração

pela Desclée e aconselhando-o a que tratasse de a escripturar.

Montigny, o director do Gymnasio, apesar de não ter recordações gratas da Desclée, de se lembrar d'ella apenas por ser uma nullidade, em vista da carta de Dumas, que lhe causou grande assombro pelo seu estylo entusiastico, não fôra dos habitos do famoso dramaturgo, escripturou-a immediatamente.

D'alli a semanas a Desclée reaparecia no Gymnasio e assombrava o publico e a critica com os prodigios do seu talento.

Tinha se operado uma metamorphose completa e a humilde e insignificante debutante de ha seis annos transformara-se n'uma actriz maravilhosa e completa!

E terminamos a nossa chronica como terminamos a chronica anterior.

Vá lá uma pessoa fiar-se em estreias de artistas e atreva-se a fazer vaticinios e a decretar prophecias!

Gervasio Lobato.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### NO OUTONO

Damos hoje uma gravura de *Brend'amour*, nome que assigna tantas gravuras primorosas e que é uma firma artistica sob que se apresentam trabalhos de muitos gravadores.

A primorosa gravura que adorna a primeira pagina d'este numero, é uma linda paisagem no outono, em que está representada uma scena campestre, entre aquellas duas aldeãs, tão simples e tão verdadeira.

A mais velha foi buscar lenha ao matto e agua á fonte, e encontrando no seu caminho aquella pequena que lhe pediu agua, ella satisfaz-lhe o pedido.

As im practica uma das obras de misericordia: *Dar de beber aos que tem sede.*

### AS VINDIMAS EM MURÇA

Murça, a mais conhecida villa de Traz-os-Montes, talvez porque a informe porca de pedra que adorna a sua praça irregular lembra uma tradição romantica, apresenta um aspecto completamente novo, uma feição perfeitamente desuzada, durante os mezes da vindima.

A pacata villa transmontana alegre se e como que se veste de gala, n'essa risonha epoca do anno. Nos campos que a rodeiam, plantados de bastas vinhas, bandos de raparigas, cantando o *Mané Chiné* e o *Bico do Sabiá*, enchem as costas que alentados moços despejam em grandes dornas. Pela rua principal, parte da estrada que liga Villa Real com Mirandella, chium os carros conduzindo as dornas aos lagares, passam constantemente homens ajoujados com odres cheios de mosto, vêem-se agrupados os lavradores conversando uns com os outros acerca da producção da uva, da qualidade e preço do vinho.

Dos lagares, á noite, echoam os cantares, meio selvagens, meio melancolicos, da rapaziada que pisa o vinho, procurando entreter as longas horas em que n'um incessante caminhar no mesmo sitio, vae reduzindo a liquido os formosos cachos que ainda ha pouco pendiam das ramadas virentes ou das robustas videiras que enriquecem as propriedades circumvisinhas.

Os que visitam os lagares distribuem cigarros aos rapazes, que, em paga, levantam vivas aos visitantes, seguidos do hymno da Carta e da Marselhesa, que a sua politica é para todos os paladares, comtanto que tenham que fumar de mófo.

Acabadas as vindimas, emquanto o vinho ferve nos toneis do sr. José Duarte, do sr. doutor, do sr. visconde, a villa torna á sua pacatez habitual. Pelas ruas, a maior parte d'ellas atapeadas de tojo que se converte em adubo para as terras, apenas vagueiam, grunhindo e pastando, os récuos, que assim se chama allí aos porcos; pelos campos, não se encontra viv'alma, vendo-se tão somente erguer-se por toda a parte a escura e triste videira despojada de cachos e despida de folhas, como que chorando a sua pobre viuvez.

As gravuras que o OCCIDENTE dá hoje com o titulo acima, são feitas sobre photographias que o



nacionaes. Aquelles trabalhos dos grandes navegadores lusitanos foram sempre avidamente procurados.

Assim, existe, entre outros, em Paris um portulano feito por Gaspar Viegas que em tempos foi mandado copiar pela Sociedade de Geographia de Lisboa.

Armario, importante manuscripto illuminado, em papel, com mais de 280 paginas e no verso da primeira lê-se a seguinte nota abaixo. <sup>1</sup> Contem a

arvore genealogica da humanidade desde Jacob, as insignias dos romanos, as insignias antigas das diversas nações, pendões militares, insignias das sciencias, e escudos de toda a nobreza portugueza, muitos da estrangeira, começando pelo Prestes João das Indias, rei dos Abexins.

Sacra Purpura Stemmographica. — Anno de MDCCXXI.

Contem 81 escudos dos cardeaes, elevados por Clemente X a Innocencio XIII, ricamente illumina-

Diversas são as illuminuras das quaes a mais importante é a do ante-rosto; segue-se a do rosto e depois por todo o livro as letras capitais. Este manuscripto está extremamente bem conservado; no fim do livro vem a lista dos individuos que receberam exemplares d'estes estatutos e segundo deprehendemos foi João Velho quem os escreveu. Este exemplar, que temos presente, tudo nos leva a crer pertença ao seculo passado.

Cronica de España. Grande manuscripto, anti-



SCENAS DA VINDIMA EM MURÇA—NA QUINTA DA NORIA, PROPRIEDADE DO SR. JOSÉ DUARTE D'OLIVEIRA

(Copia de uma photographia do photographo-amador Sr. Emilio Campos)

<sup>1</sup> Sendo opede alguns mezes no Mosteiro de San Domingus da Cidade de Evora no Anno de m. l. xxv. hum Anno antes que o s'noe Dom Duarte, (filho do Infante Dom Duarte Eda Infante Dona Isabel, E neto del Rey Dom Manuel p.<sup>o</sup> deste nome,) fallecesse, q falleceo no de xxvj. foi Este livro de Armas copiado E contrafeito E trasladado de outro semelhante deste q o dito snor' tinha. Em grande Estima E se hia fazendo, posto que de todo não estava acabado nem tinha n'elle todos os Escudos que aulia para isso — dos q' se delle copiarão, são desde Escudo da India menor, té — ode Mendoca chefe, inclusive. Este livro copiado da maneira que aqui está se fez no anno seg. de m. d. lxxxv. Segundavez Advirto q' estes Escudos não vão por ordem alguma de Antiquidade nem prebeminencia de mais ou menos nobreza nem se teve algum Respeito aliao, senão assi como se offerecerão. Vae tambem, quasi no fim os tempos das instituições E Origens, de todas as Ordens Militares, que ouve E ha na christandade com seus habitos Ediviasas. (Estupenda orthographia!).

dos, e em outras tantas folhas fronteiras: o titulo e o nome do clerigo e a data do seu nascimento e morte. Entre estes cardeaes notamos alguns portuguezes. E' de bastante valor.

Estatutos da Sé de Coimbra. Bello manuscripto em bom pergaminho, contendo os regulamentos dos diferentes cargos, etc. E' um monumento curiosissimo de historia. Foi o Bispo de Coimbra e conde d'Arganil, D. João Soares, que de volta do *santo Concilio tridentino*, os fez promulgar, e que D. João I auctorisou e subscreveu em Lisboa (fora dos muros) no anno de 1384 aos 5 dias de julho.

quissimo, e o mais rico e profuso de illuminuras que temos admirado. Tem mais de duzentas folhas de grande pergaminho e todas as paginas são artisticamente adornadas a ouro que, de tão puro que era, ainda hoje mantem um brilho extraordinario.

Este precioso livro, pertenceu ao Marquez de Castello Melhor, e por uma notinha que encontramos no fim, se vê: *«livro do s'noe Luis de alcayoua Carneiro.»* que pela lettra com que está escripta nos leva a crer — ser o nome de um dos seus primeiros possuidores.

N'uma das paginas da frente das folhas do centro

d'este livro, existe uma formosissima miniatura, retrato de D. Pedro III de Aragão — segundo julgamos, e mais abaixo no mesmo manuscrito se diz que teve duas filhas, uma que houve nome de dona Isabel e que esta foi casada com el-rei D. Diniz de Portugal.

Aqui, fica a noticia, e quem precisar um bom retrato do pae da Rainha Santa procure como deixamos indicado. Na mesma miniatura se vê uma donzella tocando, quem será?

## RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

(Continuação do n.º 270)

I

### UMA JORNADA NOCTURNA

Esta gente, em quanto durou a campanha, andara sempre, ora para baixo ora para cima, pe-

cordavamos do tempo da nossa infancia, d'esses dias de innocencia em que, cercados de tudo quanto nos podia ser grato, tão attentos ouviamos ler as aventuras do nobre cavaleiro andante, do *ingenioso hidalgo* D. Quijote de la Mancha, e nos faziam rir a bandeiras despregadas as proezas de Lazarillo de Tormes. Parece-me estar vendo ainda esses pittorescos hispanhoes, com as suas jaquetas sombrias, curtas e muito justas ao corpo; a faixa vermelha de lã grossa, com muitas



SCENAS DA VINDIMA EM MURÇA — NA QUINTA DA NOBIA, PROPRIEDADE DO SR. JOSÉ DUARTE D'OLIVEIRA

(Cópia de uma photographia do photographo-amador Sr. Emilio Campos)

Talvez uma, simples allegoria, como era costume dos illuminadores.

Mais tres folhas adiante se encontram outros retratos, e parece-nos que são os retratos de D. Afonso e D. James d'Aragão.

Este manuscrito importantissimo é tido como pertencendo o seu trabalho ao seculo XVI. Custou no leilão de Castello Melhor, cincoenta libras. É uma verdadeira maravilha.

Está um pouco damnificado, e merecia a despezade uma encadernação solida e apropriada.

(Continua).

ESTEVEZ PEREIRA

las estradas que punham a cidade de Lisboa em communicação com os diversos quartéis generaes, transportando farinha, azeite, bolaxa, vinho e outros mantimentos para os diferentes depositos onde estacionavam os nossos commissarios. Andavam em ranchos de cinco e de seis, cada rancho acompanhando uma récoa de vinte a trinta muares, que carregavam generos, não nos respectivos ceirões, porem em saccas. O typo do almocreve estará de certo ainda hem presente na memoria de muitos officiaes e soldados que militaram na Peninsula. Quantas e quantas vezes, ao vel-os bambollear-se á frente das mulas, nos re-

voltas á roda dos quadris, e a cabeça resguardada do sol pelas abas do amplo *sombrero*. As mulas com as suas vistosas gualdrapas, as dianteiras chocalhando as coleiras de guizos; e o almocreve escabeceando, sentado de banda no albardão, trau-teando as antigas xácaras, esses poemas de amores e de guerras, que recordam proezas de nobres cavaleiros, nas porfiadas luctas em que o castelhano disputava o patrio solo ao agareno infiel. A graça ingénua, com quanto rude, do verso; a melancolica toada da musica, acompanhada pelo tilitar das campainhas, traziam-nos á lembrança essas épocas remotas em que se mediam, frente a

frente, o genio e o ardente espirito do mouro com a tenacidade e o animo feroz do castelhanao.

Existia entre o hespanhol e o portuguez antipathia reciproca: este odiava o hespanhol, o qual da sua parte, affectava lanchal o ao desprezo. Succedia pois, ao encontrarem-se, virem ás mãos e, mais de uma vez, correu o sangue de parte a parte. Os almocreves, em vista d'isto, acampavam sempre de noite, ficando alguém de alcoteia, para se guardarem dos portuguezes, que, não raro os incommodavam. Costumavam tambem trazer cães, e quando estes davam signal, os almocreves, acto continuo, disparavam os trabucos, de que andavam sempre armados, para que os mandrins ficassem sabendo que os não queriam vêr tão de perto. Aconteceu, portanto, ao encaminhar-me para elles, logo ás primeiras passadas, recebem-me com dois tiros seguidos. Como devem crêr, suppoz que me tivessem feito pontaria; não desisti, cómtodo, e avancei, mas poucos instantes depois, assohavam-me tão perto das orelhas dois zagalotes que, percebendo quanto era imprudente permanecer a cavallo, a servir d'alvo, tratei logo de me apelar e, á cautela, fui levando a mão a égua, mas sempre na minha frente, para que me servisse de parapeito, caso o tiroteio se repetisse; e, depois de a ter feito dar meia volta, trazendo-a pela arreata, vim recuando pouco a pouco, encubrindo-me, em todo o caso, com o corpo do animal.

Mandaram-me ainda uns poucos de tiros, mas já me achava a salvo e fora do alcance das balas. Vim seguindo pela estrada fora até a distancia, talvez, de duas milhas; depois, virando á direita, embestei por uma cangosta, que me parecia não querer nunca ter fim; mas que afinal veio a desembocar em sitio que me pareceu o claro de uma deveza ou pinhal, por onde cortava um caminho assaz largo — cerca de duas jardas — de subida não muito ingreme, aberto no mattagal.

De subito, a égua estacou; entrou a tremer como varias verdes, escarvando repetidas vezes o chão com a mão direita, e sacudindo-a depois no ar, em movimento rapido e violento. A noite, até ali, estivera sombria; o céu encoberto por densas nuvens; estas porém estavam agora dispersas e conseguí, á claridade diffusa, da atmosphera verificar a causa de tão singular phenomeno physico. O pobre animal calcára aos pés uma cobra enorme, a qual, no mesmo instante, se lhe enroscou pela perna acima até á altura da junta.

Anda inherente ao humano entendimento uma função singular quanto efficaz, mediante a qual, nos transe de perigo real ou apparente, aquelle consegue, com espantosa rapidez, corrigir as suggestões do espirito:—função singular, quanto efficaz, repito, pois que em outras occasiões, e com circumstancias diversas, a idéa subsequente e correctora resulta da reflexão breve ou demorada, e conforme á indole do objecto ou objectos, cuja impressão se traduz na idéa inicial.

O meu primeiro impulso foi lançar mão da espada e, ás cutiladas, cortar o reptil em postas; reflecti, porem logo, que poderia offender algum tendão á égua, e estropeal-a a ponto de ficar impossibilitada para o resto do caminho. Ex tornára, ainda ha pouco a montar, e como a cobra estivesse enrolada na mão direita do animal, ficando-me portanto assim mais a geito, entrei a fustigar-a ás pranchadas, com quanta força tinha, até que em fim o reptil soltando-se, enfiou pelos carrascaes, sumindo se, e eu só fiquei ouvindo a rostilhada que fazia aquelle corpo estirado e ascoroso, ras-tejando nas folhas sêccas. Acariciei com gratidão a minha égua, coitada! tão paciente e tão cheia de fome e de fadiga que quasi podia competir com o proprio Rocinante; e puz-me de novo ao caminho, que continuava em linha recta pelo bosque, cujo arvoredado, de espaço a espaço, rarejava, apresentando aberturas de ambos os lados. Caminhava de vagar; de repente, pareceu-me que sentia passos. Parei, para me afirmar, e conveni-me de que ouvia ao longe alguém que me seguia. Era embrenhada a floresta, e o sitio bem azado para coito de ladrões e de assassinos; investi com a primeira abertura, á direita, e fui-me deixando estar quêdo, muito proximo da estrada, encobrindo-me com as arvores, á espreita, a ver se surgia alguém. Apeára-me; e palpitando de ansiedade, esperei que passasse o individuo, que me pareceu já quasi chegado ao sitio onde eu ha pouco estivera.

Augmentava, e não pouco, o meu susto; o receio de que viesse ter comigo outra cobra; lembrava-me de um caso que me acontecera alguns mezes antes, estando eu de serviço na ambulancia do Rocio, em Ahrantes. Eu e mais quatro medicos do exercito dormiamos n'uma barraca armada á borda do Tejo, muito proximo do acampamento; e o dr. Bell, cirurgião do Estado Maior,

que tinha a seu cargo a direcção do hospital, estava morando n'uma quinta, um tanto distante, ainda assim, da nossa barraca. Tanto a mim como aos meus companheiros assistia nos o dever de informarmos o nosso chefe das successivas circumstancias relativas ao estado dos doentes de que estavamos incumbidos; e eu, quando ia á quinta, em vez de me dirigir pela estrada que seguia, atravez do campo, direita á residencia, costumava, para encurtar caminho, tomar por nm atalho que atravessava uma vinha. Um dia, ia eu pela vinha fóra, e, como o bacello estivesse já muito cerrado e visoso, o carroiro não se via.

De repente, afigurou-se-me que trilhára uma corda muito grossa e, acto continuo, eis que uma cobra, com mais de uma jarda de comprido e volumosa na proporção, enrolou-se-me pela perna acima.

O terror que de mim se apossou não ha palavras que o descrevam: — pulava-me o coração com tanta força que parecia um martello a bater-me nas costellas! Nos primeiros instantes, fiquei como tolhido, até que, felizmente, a cobra largou e desapareceu por entre as cepas. Voltei para traz e tão atordado vinha quando cheguei á barraca, que o meu collega Lonsdale — o qual, desgraçadamente, tanto para os seus, como para o bem da humanidade, veio encontrar a sepultura em Portugal — vendo que eu estava pallido como um cadaver, correu para mim e, a toda a pressa, fez-me engulir quasi á força um copo de vinho: e só então dei accordo de mim!...

Passados alguns segundos logrei emfim ver de perto a causa do meu grande sobresalto e do meu susto: — ia passando pela estrada uma burra, carregada de rama e de gravetos para lenha e claro estava que alguém a viria acompanhando. O caso afinal não valia o susto; ainda assim quiz sempre verificar que qualidade de homem seria o dono da jumenta; e deixei-me ficar até que, d'ali a pouco, vi passar um vulto. Esperei ainda um instante e vi que vinha só, que era velho e que não parecia trazer arma de qualidade alguma. Bradei-lhe, e o velho, coitado, voltando-se de subito, deu comigo e, como réza o dictado, não ganhou para o susto.

A fallar a verdade, o meu espanto, não devia, n'aquelle momento, abonar muito em meu favor. Ora imaginemos como não ficaria o pobre do homem ao topar, por noite velha, e no mais cerrado da matta, cara a cara com um estafermo, esgalgado magro e mais que torrado do sol; com umas barbas que ha mezes, não viam navalha, um grande chapêu embicado de sola preta na cabeça e, na mão, a espada desembainhada! O medo que eu lhe metti nos ossos orçou com certeza pelo dobro do que elle me metterá a mim. Fui entretanto tractando de o socegar conforme pude; contei-lhe que era official do exercito inglez; que, por me ter enganado no caminho, andára perdido toda a noite, e que lhe daria boa esportula se m'o quizesse ensinar.

A muito custo ia perechendo a sua algaravia — porque n'esta região assaz remota, e distante da capital, succede aliás o mesmo que nas outras nações: — os camponezes e outra gente das classes inferiores fallam um quasi dialecto, pouco menos de incomprehensivel para o estrangeiro, por melhor que este entenda a lingua do paiz conforme ella é fallada ou escripta nos principaes centros de povoação. Nada conseguí saacchar do nosso homem; fiquei na mesma, tanto a respeito do caminho de Sarnadas como do mais que d'elle indaguei. Na ansia em que estava por ver romper o dia, mostrei-lhe desejos de saber que horas eram. Fez varias tentativas para me tornar intelligivel a resposta; convencido, porém, que o não tinha conseguido, vão ver de que meio se valeu para que eu, afinal, o percebesse. Sacou da algibeira a caixa de rapé, redonda e larga, e fitando-me por um instante, apontou com a mão para o nascente; em seguida indicou a caixa, correndo o dedo indicador por toda a circumferencia da mesma; depois, assentando a palma da mão sobre a tampa e cubrindo-a toda, deixou-a estar assim por um momento, e então, fez deslizar a mão, devagar, até descobrir um pequeno segmento do circulo.

Primeiro que descobrisse, mediante o movimento da mão, uma pequena porção da superficie da tampa tinha, por duas ou tres vezes, acenado rapidamente, com o queixo, como para me indicar a atmosphera. Não me foi, portanto, difficil colligir da sua engenhosa mimica o seguinte, primeiramente: — o sol; depois que ainda fazia escuro, e, finalmente, que d'ahi a pouco ia despontar no horizonte o astro do dia. Adoptando os seus methodos de pantomina expressiva, fiz-lhe ver que o tinha entendido, e pedi-lhe que continuasse a seguir-me. Viemos andando; comtudo, era facil de perceber que o meu recém-conheci-

do não ia lá muito contente da sua vida; de vez em quando mirava-me de soslaio, e, por duas ou tres vezes, fez menção de quem queria escapulirse. Pouco a pouco, porém, foi ganhando confiança, e em breve os raios do sol principiando a dourar as cristas da serra, vieram confirmar o seu prognostico. Num verdadeiro paroxismo de alegria saudei a luz da manhã, e foi então que encontrei pela vez primeira uma das taes capelinhas, que tão bom arranjo me teria feito algumas horas antes. Qual não foi porém o meu espanto, quando de subito vi despontar ao longe as torres das egrejas dos conventos de Castello Branco, e me convençi que, depois de ter andado de Herodes para Pilatos, desde as seis da tarde até ás duas da manhã, estava ainda a tão curta distancia do meu ponto de partida!

Despedi-me do meu idoso companheiro com um «viva senhor»; e percebi que o bom do velho ficava contentissimo por se ver livre mim e tomei por um caminho estreito que tinha todo o geito de ir dar á cidade. Fui logo direito ao aquartelamento do meu collega Kearney; bati á porta, e este, quando chegou á janella, lembra-me bem que me disse, sem aliás se mostrar admirado da visita, que tivera presentimento de que eu me enganara no caminho. Apresentou-me um optimo moço, mandou dar o penso á minha égua e eu, em quanto elle foi fazer a sua visita de serviço ao convento de Santo Antonio, convertido pela nossa gente em hospital, aproveitei o tempo para descansar, e dar tambem descanso á minha égua. Quando regressou, receiando que eu me tornasse a enganar, montou a cavallo e insistiu em vir na minha companhia, até me pôr a caminho. A seis ou sete milhas de Castello-Branco despedimo-nos, trocando um cordeal aperto de mão, e até hoje, e já lá vão bons trinta annos, nem o tornei mais a ver, nem soube o que foi feito d'elle!

Eu ia na fé de encontrar as tropas em Sarnadas, povoação que dista cerca de sete milhas do ponto em que me separei do meu amigo e camarada; passei pela maior das decepções quando ouvi que as tropas tinham seguido d'ali para Villa Velha de Rodão.

Soube de o de um ajudante de ordens que encontrei na estrada, e que ia em serviço para o quartel general, o qual, n'esse tempo, estava, se bem me lembro, em Fuentes d'Ovar.

Em vista d'isto não tomei pela estrada de Sarnadas, que fica á mão direita, e a pouca distancia da Estrada Real; segui por esta, pois Villa Velha fica para diante d'aquella povoação algumas milhas, para quem fór com destino a Lisboa. Vinha já cahindo a noite quando cheguei á base de um monte assaz escarpado, sobre o qual está situada Villa Velha e, como encontrasse dois cabreiros, a julgar pelas informações que elles me deram, fiquei receando que as tropas, em vez de passarem n'aquelle lugar, tivessem marchado para Niza.

Quando cheguei ao valle e dei de rosto com aquella montanha alcantilada, senti-me de tal maneira exhauido de forças, tão doente e tão esta fado, que entrei a desanimar. Demais a mais a égua, coitada vinha tão ferida do selim que era mesmo uma dôr d'alma atormental a por mais tempo. Lembrou-me que tendo então atentado na carréta de uma peça que para ali ficára abandonada, tomei a resolução de passar a noite ao abrigo d'ella. Fiz signal a um camponez que vi ao longe, e prometti-lhe um crusado novo se elle fôsse lá acima á villa e me soubesse se a força ainda lá estava. Com o sentido na propina não se demorou com a resposta; voltou acompanhado pelo sargento, que me ajudou a subir a ladeira, e vim dar com a minha presença um tremendo alegrão a dois entes dedicadissimos: o primeiro era o meu criado João Rodrigues, o qual, quando viu que eu ia tardando em apparecer, suppoz-me cahido em poder de ladrões ou de assassinos e entrou a apertar as mãos na cabeça e a dizer mal á sua vida, lastimando o pobre amo; — o segundo, um cão lindissimo — presente que me fizera um frade em Castello Branco, e que, por esse motivo, dava pelo nome de Branco. Tambem a égua coitada, apanhou o seu quinhão das festas e matou a fome e as saudades a uma bonita cria que viera acompanhando a mãe, e a seguia depois até Abrantes.

Logo ao amanhecer, partimos em ordem de marcha: a égua levada á mão, por ir muito ferida no dorso, e eu escarranchado n'uma mula. Escarmentado da lição que, á minha propria custa tinha apanhado na vespéra, d'esta vez tive toda a cautela em nunca perder de vista a gente que levava a meu cargo. Chegámos a Niza ao cahir da tarde, e o juiz de Paz aboletou-me em casa de um boticario, casado, cuja mulher muito se ufanava em ser natural de Lisboa, e tinha grande presumpção de fallar portuguez limpo e genuino. D'ali a

pouco veio visitar-me um padre, também meu conhecido d'outra, que me fez immensa festa, e agarrando-se a mim nos abraços, encheu-me a cara de beijos! Custou-me a tragar um tal excesso de ternura: os osculos vinham perfumados de um cheirinho a esturro, com variantes de alho e de cigarro, que era mesmo de tombar. No dia seguinte no acto de despedir-me do boticario á porta da botica, todo o meu fito era despachar-me depressa, antes que por ali apparecesse o meu amigo padre, a ver se conseguia esquivar-me aos apertos e ás festangas; mas ainda bem não tinha posto o pé no estribo e armado o balanço para me sentar no selim, quando me senti agarrado pelas costas, e eis-me outra vez nos braços do inevitavel padre!

Passados alguns minutos, que me pareceram annos de atroz soffrimento, consegui desvençillar-me do amplexo e dos atomas de tão expansivo sacerdote, e despedindo-me de Niza, metti ás esporas á mula: — Ao cabo de dois dias de marcha, chegavamos emfim sãos e salvos á Abrantes.

As ancias e os trabalhos por que passei n'aquella maldada noite, cujos transes difíceis bem ou mal, acabo de contar, já lá vão ha muitos annos; pois ainda hoje, que os embates da vida e a experiencia amadureceram o meu espirito — ainda hoje, repito, taes peripecias me surgem as seguintes reflexões: — Quantos casos se dão que a primeira vista nos assustam, nos encham de terror e de afflicção e, quando passam, nem sequer deixam impressão funda ou pezar?

Os perigos de tão infausta noite eram talvez menos reais do que apparentes — não metendo, se entende, em linha de conta o tempo que estive exposto ás balas dos almocreves. Muito terá de soffrer, e bem pouco que gozar, todo aquelle que leve a vida a anticipar desgostos e desgraças e, timorato, se entregue ás illusões do medo! Esquecendo os dictames da prudencia, deixei perder de vista aquelles que me cumpria acompanhar; e, a tiro de uns momentos consumimidos a saborear um prato de sôpa, alcancei uma noite inteira de attribulações e de angustias. Quem se affasta do dever, deixando-se levar pelos conselhos da sensualidade e do egoismo, deve, desde logo, contar com os resultados; accete pois submisso as consequências da fraqueza e do desleixo.

Spectator.

## SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

### I

#### MACHIAVELLISMOS

Havia já mais de uma semana, que o José Elias, sacristão da Sé, notava, com curiosidade, certa mulher embocada n'um chale negro, que todos os dias, antes da missa do senhor padre Clemente, quando a igreja ainda estava quasi despojada, ia ajoelhar-se, com lamurias de velha beata, muito juncta ás grades de pau preto que protegiam o primeiro altar da nave direita, consagrado a S. José. E o que sobretudo o estimulava, era os movimentos da mulher, certos olhares com que ella interrompia o fio da sua contricção, para observar a gente que estava, e se alguém reparava n'ella...

Mais de uma vez, José Elias, desconfiado e curioso, fingiu serviços por perto da mulher, sondando com olhares avidos o bioco do chale com que ella quasi se mascarava; mas, como advinhando a espionagem, era então que a beata mais se rojava contra o pavimento, deixando apenas ver o seu dorso esguio e secco, onde o chale, repuxado, se enrugava como n'um riso de ironia.

O sacristão diante de tal reserva, desesperava-se; e mais de uma vez esquecia as obrigações officiaes, no exercicio d'aquella curiosidade que absorvia todos os seus pensamentos. Já duas vezes o senhor conego Pestana, com a sua voz solemne, adestrada em temerosos sermões, o tinha advertido, rispivamente, de que «aquellas incurias eram nocivas ao culto» e, portanto que as evitasse se não queria soffrer algum desaire.

A admoestação só nos dois dias immediatos fez effeito, logo em seguida, José Elias foi de novo absorvido por a mesma preoccupação, e os delictos continuaram como d'antes, com exaltada affronta do cabido. O padre Clemente, ecclesiastico novo e humilde, sahido havia pouco do seminario, e que apreciava benevolmente as bisbilhotices do

sacristão, preveniu o uma manhã, quando se parmentava para a missa, na sacristia despovoada — Você, olhe lá se toma tento na vida, José Elias! Olhe que o conego Pestana, é homem para o pôr no olho da rua.

O outro quedou-se, atterrado:

— Elle disse alguma coisa? — balbuciou.

— Se disse alguma coisa? — Hontem sahio elle d'aqui a bufar, como uma bicha! E tinha razão, lá a verdade, diga-se: tinha razão de sobra. Pois você em lugar de estar aqui quando é preciso, vai se pôr a espreitar o altar de S. José!... Nem que tivesse tezoiros a guardar!

E como o homem curvava a cabeça, mudamente, aquellas recriminações, o padre, enfiando a estola no braço, interrogou com interesse:

— Que demonio tem você que fazer ali todos os dias?

O sacristão hesitou um momento, mas afinal, n'um hausto de alívio, historiou precipitadamente as suas preoccupações:

— Eu vou dizer a v. s.ª... Mas sempre lhe peço que guarde segredo, porque, aconteça o que acontecer, eu hei de descobrir aquelle jogo... É, com licença, um estafermo de uma beata que antes da missa de v. s.ª, não ha dia em que ella não vá para o altar de S. José, a prégar lá umas rezas, com uns feitos que são mesmo de a escavar. E' todos os dias isto; logo que as senhoras do Palmeirão veem para o altar, ouvem a missa de v. s.ª, lá sac ella do sitio, mais para o lado, e são rezas e mais rezas, e murros n'aquelle peito, e beijos no chão...

— Devoções... — fez vagamente, o padre.

— Serão devoções, serão. Mas o que ainda não disse a v. s.ª, é que no meio d'aquellas predicas, é cada olhar, a ver quem está pela igreja, uns olhares de revez, porque a cara mal se lhe vê, encafuada no chale... Cá p'ra mim, ali anda maroteira!

— Scismas! — desdenhou o padre, com um movimento de hombros.

— A'gora são scismas! Tenha a certeza de que ali anda patifaria. E eu não me engano. Basta só ver a mulher; parece uoia bruxa, a maldicta! Sempre queria que v. s.ª a visse!

— Pois qualquer dia a verei. Agora vamos á missa.

E transpoz a porta que o separava da capella-mór, seguido pelo sacristão.

N'aquelle momento, juncto do altar de S. José, em vez da velha que tirava o somno ao José Elias, duas senhoras vestidas de preto, com um contrafeito ar de piedade, liam devotamente em pequenos livros de luxo, ajoelhadas. Eram as «senhoras do Palmeirão»: tia e sobrinha.

O nome porque eram designadas, provinha de uma casa onde viviam, no arrabalde da cidade, monotona vivenda com um aspecto de mosteiro, onde as janellas permaneciam quasi sempre fechadas, como n'uma isolacção de penitencia. E não estaria muito longe da verdade, quem tal conjecturasse. Aquelle cararão sombrio, habitado somente por mulheres, parecia vergar sob o jugo de qualquer regra monachal; os seus pesados portões só se abriam para receber algum ecclesiastico ou alguma senhora vestida de escuro, como sempre andavam as donas da casa. Os visinhos odiavam «aquella gente», que não dava assumpto para as suas coscovilhices, nem migalha de pão a um pobre. Tudo era carolices, beaterios, rezas e mais rezas...

A casa do Palmeirão pertencera a um velho celibatario que fizera relampejar, com bravura, a sua espada de brigadeiro, no exercicio de D. Miguel. Fallecendo sem descendencia, deixara a casa nas mãos de um primo remoto que, dois annos depois, a vendera a um tal Anastacio Felgueiras, ex negociante que regressara pouco antes do Brazil com duzentos contos fortes, uma irmã beata, a D. Florencia, e uma filha, Rosalia creaturinha languida e submissa que costara a vida a sua mãe.

Seis mezes depois da compra do Palmeirão, o brasileiro Felgueiras morreu um dia, bruscamente, de uma aneurisma, deixando a filha com 15 annos, sob as devoções complicadas e esmagadoras de D. Florencia. Com esta morte, a vida d'aquella casa soffreu uma rapida transformação: as exterioridades de fausto que o fallecido brasileiro gostava de exhibir, foram todas supprimidas; os creados foram despedidos e substituidos por velhas servas devotas; a casa tornou-se um recolhimento de asceterio, com as suas mobílias graves, os seus quadros piedosos entristecendo as paredes, e os lamentos das rezas echoando nas salas desertas... E desde aquelle dia, o melhor dos rendimentos de Rosalia, que sua tia ciosamente administrava, foi engrossar, enriquecer o cofre de certas confrarias veneradas pelo coração catholico da severa D. Florencia. Agora este des-

falque pecuniario, os encargos spiritunes que Rosalia soffria, eram esmagadores; — todos os dias, ás nove horas da manhã, tinha de acompanhar a tia á missa da Sé, e depois, até á noite, as «acções de graça», novenas, terços e mil empadas devotas, absorviam as suas horas, com raras entre-pausas. Sobre isto, havia ainda os jejuns em que D. Florencia era rigorosa; e quando o calendario mencionava algum santo particularmente preso á sua devoção e sympathia, ninguem, na casa do Palmeirão, deixava de commemorar essa data com piedosas abstinencias, sacrificando o estomago para salvar a alma.

Assim passava, invariavelmente, e existencia n'aquella casa: havia já dois annos que Anastacio Felgueiras morrera, e n'essa lenta serie de dias, raras alegrias tinham bafejado os longos corredores, onde os echos pareciam gemidos.

E todavia, n'esse ambiente morbido e atrophador, a belleza de Rosalia esplendia, radiante, como uma grande flor rubra e vigorosa que cresce entre a tristeza arida de um cemiterio. Era loura, de um louro tostado e sensual; e na hrancura eburnea da sua face, pareciam liquidos os grandes olhos azues e languidos de creoula. Alta e esguia, o seu andar balanceado e cansado, dava lhe a graça de uma palmeira batida por uma aragem quente dos tropicos; e com as *toilettes* pretas, grave e mysteriosa, como escondida na dôr de um luto, despertava nos homens, a curiosidade de uma bella heroína de romance.

O conego Pestana, que tinha por ella uma paixão esbrazada e vergonhosa, que recalçava nas profundezas da sua batina peccadora, disse uma vez a D. Florencia, a quem visitava todas as sextas feiras:

— Sua sobrinha, minha senhora, com a sã moral que v. ex.ª lhe ensina e com as perfeições que Nosso Senhor lhe deu, pôde comparar-se, sem irreverencia, á Santa Virgem!

— Credo, senhor conego! — atalhou a velha, atterrada.

— Digo-lh'o eu, sr.ª D. Florencia: á Santa Virgem! Não é por ser sua sobrinha, mas é o rosto e o coração mais bem formado que eu conheço, em meninas d'aquella idade.

— A mim o deve, senhor conego; depois de Nosso Senhor, a mim o deve! Que lá o que são orações e coisas boas para salvacção da alma, sabe tudo. É muito docil: uma pomba! Ainda hontem ella estava a arranjar flores para o oratorio, quando eu lhe fui dizer: Rosalia, vamos resar uma crôinha a S. Benevenuto, meu padrinho. E ella nem me deu tempo de dizer mais nada; largou logo as flores, e resámos a corôa com muita devoção. Até faz gosto viver com ella!

— Oh, lá isso deve fazer!

— E, olhe, senhor conego, nunca se cansa de rezar. Sabe mais orações do que eu, que, louvado seja Deus, tenho uma boa continha d'ellas na memoria. E depois, estuda muito nos livros santos, decora passagens da vida dos martyres, que é um gosto ouvil a. Eu, ás vezes, quando ella se fecha no quarto, vou escutar á porta, só para lhe ouvir aquelles sermões; mas, ha uns dias p'ra cá, não tenho ouvido nada. Ainda hontem lá fui, e como não tinha o ferrolho corrido, abri e...

— E...? — exclamou o padre, affogueado.

— E via-a a escrever.

— Olá!

— Ella ficou muito atrapalhada quando me viu: queria esconder o papel, mas como eu me puz a rir d'aquelles medos, ella então disse-me que andava a copiar umas orações muito lindas para m'as dar de surpresa. E sempre me leu uma, senhor conego! Que linda!

— Mas foi ella que leu, ou v. ex.ª?

— Foi ella, senhor conego, foi ella. Eu bem quiz que ella me desse o papel, mas nem á mão de Deus-Padre! Disse que n'aquelle papel estavam mais orações, e que, se eu as lia, lá ia então a surpresa toda. Creancices! Que lá orações, tinha ella com fattura uma folha de papel de carta lhe vi eu cheinha dos quatro lados.

— Ah! era de carta, o papel...

— Era Diz que p'ra ser mais commodo de trazer. Lá boas idéas tem ella!

— Estou vendo que sim, minha rica senhora.

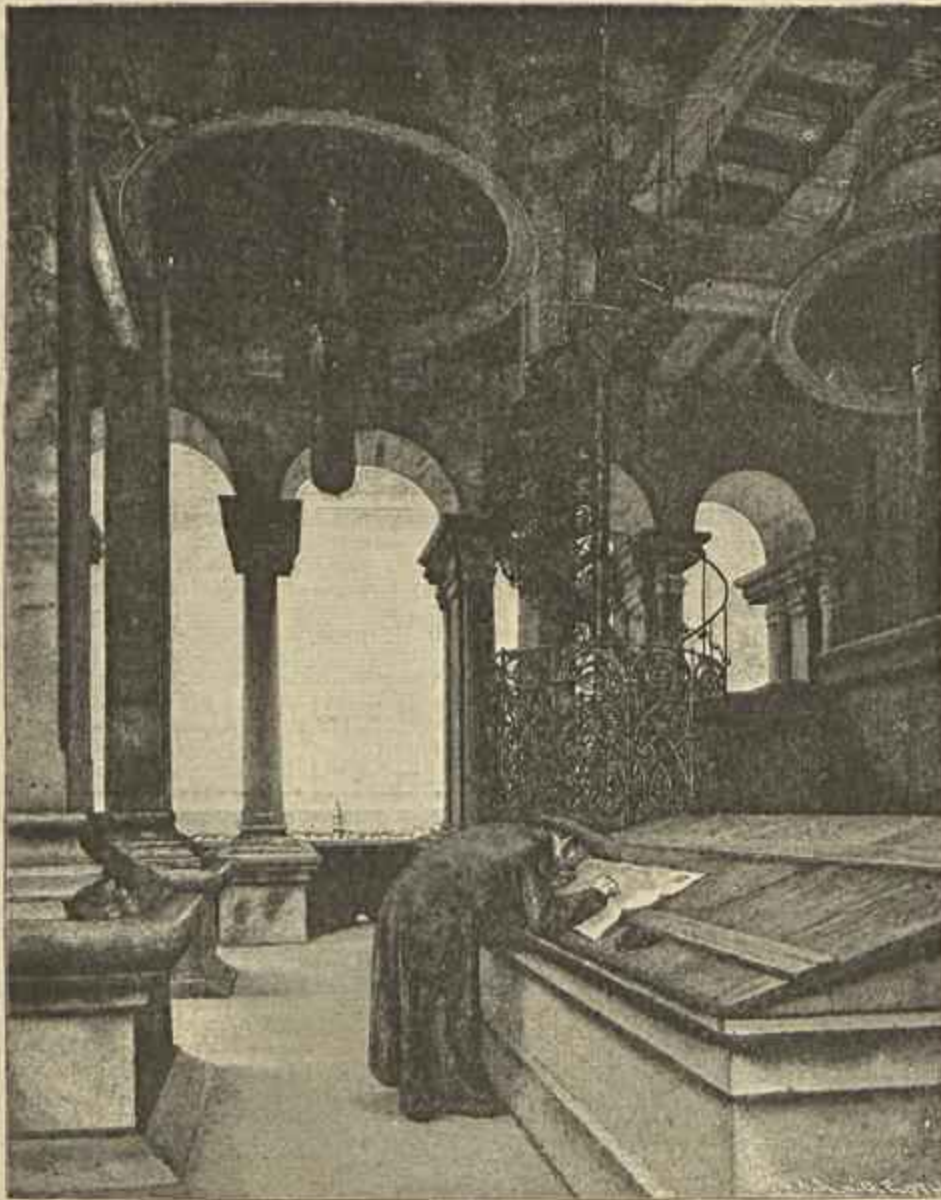
E quando, algum tempo depois, sahia da casa do Palmeirão, o conego murmurava, com absurdo ciúme, para os botões discretos da sua batina:

— O demonio da rapariga traz namorico! Ora a lambiçoia!... Deixa estar que...

lá a formular uma suprema de ameaça, mas suspendeu-se; e com um suspiro resignado;

— E a mim, que me importa? Ora bolas! Que engane a tia, que engane: é bem feito! E que as leve o diabo a ambas!

(Continúa)



EM VENEZA, A TORRE DE S. MARCOS

## VENEZA

(PASSEIO NO LIDO) <sup>1</sup>

Gondoleiro, suspende a barca docemente  
Na laguna sussurrante;  
O impulso que a embala, abranda suavemente  
No ermo areal distante;  
Eu volto, gondoleiro, abrindo o peito ancioso  
Ao echo triste e saudoso  
De Clorinda e seu amante.

Muita vez um estrangeiro ao vagar n'esta praia  
Ouviu do intimo d'alma a voz que alem desmata  
Dos teus cantos maguados;  
Quero ver se o deserto ainda mostra um só traço  
D'elle, que amou, soffreu e cantou como o Tasso  
Teus versos inspirados.

O'Lido, triste praia, ó mar ainda mais triste!  
Que tremeste d'amor quando na onda altiva  
Ao anel do Bucentauro o seio espumoso abriste!  
De S. Marcos findou a festa ardente e viva.  
Rialto já não ouve as barcarolas suaves,  
Adeus, flammulas d'ouro e seda matisadas,  
Ondulando em festões nas gondolas douradas!  
S. Marcos apagou a luz das amplias naveas.

Quantias vezes, sonhando...  
N'estas margens, cujo echo suspira ainda o seu nome,  
Errante na solidão, sem patria, murmurando,  
Byron sentiu a dor que a tua alma consome!  
Quanta memoria triste o coração ancioso  
Evocava no passado amargo e saudoso,  
Quando do seu corcel a alvinhenta espuma  
Brilhava ao desmaiar do sol na densa bruma.  
Ai! Veneza é extincta; os seus velhos tyrannos  
Desfilam, como o espectro, entre esses dous gigantes,  
Que viram tumultuar os odios soberanos,  
Ferir amadas caus em pugnas delirantes,  
Quando a hacha das leis na lucta sanguinaria  
Abateu d'um tyranno a fronte octogenaria.

<sup>1</sup> Traduzido de C. Delavigne.

Onde estão teus heroes? onde estão? Encerrados  
Na fria urna da historia.  
Onde estão? Procuraes nos porticos sagrados,  
Na pyramide erguida á luz da eterna gloria,  
Nas estatuas de pé sobre os funereos plinthos;  
São de mármore e bronze os teus heroes extinctos!

Que digo eu? d'esse olhar relampagueia a flamma,  
Vivem na tela augusta; o Tintoreto e o Palma  
Innundou-os da luz, que a etherea mente inflamma,  
Deu-lhes o sacro fogo, a pura essencia da alma,  
Deu voz a esse silencio o pincel do Bassan,  
Viveis, Contarini, Bembo e Loredan  
Sobre a tela immortal, onde o crescente enorme  
Nos captivos corseis já subjugado dorme.  
Vós não podeis morrer!... mortos são vossos filhos  
Esses guerreiros que hoje ao ver heroicos vultos,  
Não sobem da gloria aos escarpados trinos,  
Não sabem combater, na escravidão sepultos.

Gondoleiro, eu volto ainda á laguna sussurrante,  
Dá ao teu negro esquife, o balanço das aguas,  
E conta-me as tristes maguas  
De Clorinda e seu amante.

Comde de Valençes.



## REVISTA POLITICA

Nos ultimos dias tem havido uma chuva de interpeleções no parlamento, onde a opposição depois de esgotar toda a rhetorica de que dispôs para o *em regra*, fez nova provisào para intrepelar o governo a respeito da compra que este fez de um predio no Porto para n'elle estabelecer umas repartições do Estado, e de envolta com esta interpeleção outra a respeito da expulsão do sr. Salmeron, seguindo-se ainda mais outra do sr. Eduardo José Coelho acerca da dissolução das associações Commercial de Lisboa, Industrial Portugueza e a dos Lojistas.

Esta ultima interpeleção foi annunciada hontem e naturalmente é a que vai dar agua pela barba ao governo para se defender.

Quanto ás duas primeiras, não fizeram mossa no governo, encontrando este a defeza em acto identico praticado pelos progressistas, que no seu ultimo consulado tambem compraram um predio, no Porto, sem lei que auctorisasse ao governo essa compra, e a respeito da expulsão de estrangeiros que se intromettem na politica do paiz, isso está previsto nas leis de todas as nações e, portanto era uma questão morta antes até de ter nascido, se nos é premettida esta força de expressão, e só é pena que os srs. Gomes da Silva e Eduardo de Abreu estafassem a sua rhetorica a tratarem de uma questão muito semelhante a um becco sem sahida.

Para fazer fineza ao sr. Salmeron achamos optimo, e a estas horas os dignos oradores devem estar satisfeitos com os agradecimentos, que decerto terão recebido do illustre republicano hespanhol e dedicado obreiro da união iberica.

O mais extraordinario, porem, d'esta questão no parlamento é o terem feito coro com os republicanos os progressistas que se dizem monarchicos, o que faz prever que, se os progressistas estivessem no poder deixariam conspirar livremente contra as instituições quantos estrangeiros viessem a esta terra da lusangeira.

Cá os esperamos no poder para verificarmos a coherencia das suas idéas, porque os tempos vão d'estas conspiraçõesinhas, e não faltará occasião de lhes cair a praga em casa.

A febre das interpeleções não tem deixado a camara tratar de mais nada, apesar do governo já ter apresentado varias propostas, sendo uma pelo ministerio da justiça sobre criminosos allienados; pelo ministerio da marinha sobre reforma de material da nossa armada, reduzido á expressão mais simples, e as propostas de fazenda com o orçamento da receita e despeza para o anno 1894-95.

Além d'estas propostas, outras se esperam com relação á instrucção publica, esta maifadada instrucção que nunca está reformada e que não sabemos como haja ministro que tenha a coragem de lhe mecher, e a da reforma do exercito que tambem se está parecendo muito com as repetidas reformas da instrucção.

E sommando tudo que o parlamento tem feito nos 30 dias a que está funcionando, vê-se que ainda não discutiu nem votou uma lei, sendo o resultado d'essa somma um triste zero.

Parece que as propostas de fazenda é que deviam chamar em primeiro logar as atenções da camara, e que o verdadeiro patriotismo dos srs. deputados se deve provar na discussão d'essas propostas, porque são ellas o que verdadeiramente interessa o paiz.

Pensar que alguém se importa saber do *em regra*, da explosão do sr. Salmeron ou d'outras friuleiras que taes é completo erro, porque isto só interessa aos politiquieiros de que o povo está farto.

O paiz não precisa de mais politica, que tem descurado completamente os interesses da comunidade para cada politiquieiro só tratar de si. O que precisa é de administração e esta não se faz com rhetorica, mas sim com saber, estudo e bom senso.

E' por isto que as propostas de fazenda deviam interessar em primeiro logar os srs. deputados, e ahí a opposição prestaria bom serviço discutindo-as a serio, combatendo as que não forem bem pensadas, mostrando os inconvenientes, porque estamos certos que terão defeitos como tudo que é humano.

N'estas discussões sérias é que as opposições ganham auctoridade e não no que se está vendo ha trinta dias.

Uma comedia, que nem sequer já faz rir porque o paiz está farto de a ver representar.

João Verdades.

## ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»

Para 1895

Já está publicado e á venda este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é uma linda chromo representando a Batalha das Flores no Campo Grande.

Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.<sup>a</sup>